

**Nuno Melo**

Ministro da Defesa Nacional

**Intervenção do Ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, por ocasião da  
Cerimónia de Tomada de Posse da nova Comissão Administrativa da Cruz  
Vermelha Portuguesa – Delegação do Porto**

Porto, 24 de março de 2025

- Senhor Presidente Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, Dr. António Saraiva
- Senhor Vereador da Câmara Municipal do Porto, Dr. Fernando Paulo
- Senhor Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa da Delegação do Porto, Dr. Luís Sena de Vasconcelos
- Senhor Presidente da Associação Comercial do Porto, Dr. Nuno Botelho
- Representantes da Câmara Municipal do Porto e Juntas de Freguesia, das Universidades, das Ordens Religiosas, da Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública, dos Sapadores de Bombeiros e do Instituto de Ação Social das Forças Armadas
- Responsáveis Nacionais e Regionais da Cruz Vermelha
- Minhas Senhoras e meus Senhores

Há pouco mais de um mês quando nos reunimos para assinalar os 160 anos da existência da Cruz Vermelha Portuguesa, na minha intervenção destaquei como esta organização está presente em todo o território nacional.

Sublinhei as quase centena e meia de estruturas locais, os mais de 2800 colaboradores e o verdadeiro exército de 4000 voluntários que dão vida e movimento à Cruz Vermelha Portuguesa.

Por isso, nestas curtas palavras, eu gostaria realmente de destacar como a Cruz Vermelha Portuguesa está presente e tem obra na Cidade do Porto.

Na Invicta, como em tantas outras localidades do País, a Cruz Vermelha Portuguesa e os seus voluntários são o movimento que se transporta para o serviço à comunidade.

Intervindo junto dos mais vulneráveis e dos que mais precisam de nós e sempre inspirados na ideia de um movimento humanitário que remonta ao longínquo ano de 1865.

Um tempo em que se depositou esperança na adoção da Primeira Convenção de Genebra, que estabeleceu as bases do Direito Internacional Humanitário e que definiu os direitos de proteção para os feridos, os médicos e as instituições humanitárias.

Um tempo em que se acreditou que, mesmo em tempo de conflito, era possível aliviar o sofrimento das vítimas da guerra. Sem discriminação entre combatentes e civis, e que os combatentes seriam tratados, com humanidade.

Hoje, como ontem, a necessidade de garantir a segurança das populações, de viver em paz e com dignidade e humanidade continua a ser uma prioridade de todos aqueles que respeitam os direitos fundamentais e o primado do direito internacional.

É aliás aí – na atuação em situações de guerra, na missão humanitária e a proteção das vítimas da guerra - que a Cruz Vermelha encontra a sua matriz e que se cruza com a missão secular dos militares.

Minhas senhoras e meus senhores,

É verdade que vivemos momentos de alguma inquietação, de perigos e de grandes incertezas.

Na defesa percebeu-se que a ilusão do tempo da paz perpétua chegou ao fim.

Portanto eu diria que é precisamente nestes momentos e nestes tempos que as antigas e nobres instituições como a Cruz Vermelha Portuguesa são mesmo relevantes.

O que me leva naturalmente, à importância que a Cruz Vermelha tem na sociedade portuguesa através da sua cooperação com o Estado, desde logo com as Forças Armadas e a Defesa Nacional.

Foi assim no passado e hoje o Estado e as Forças Armadas valorizam e continuam a precisar do apoio da Cruz Vermelha Portuguesa, o que é verdade seguramente, também aqui, na Cidade do Porto.

É isto que eu gostaria realmente de manifestar como Ministro da Defesa Nacional. Um sentimento de gratidão pelo que a Cruz Vermelha tem feito pelas Forças Armadas e pelos militares portugueses ao longo destes 160 anos.

É fundamental que o espírito e o serviço da Cruz Vermelha continuem a estar presente todos os dias, através dos seus programas sociais, para proporcionar respostas concretas para os desafios mais prementes da sociedade.

Na saúde, na ação social, na educação e, em particular, na resposta a catástrofes em apoio e em complementaridade com as Forças Armadas.

Neste aspeto, queria saudar, em particular, o Presidente Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, Dr. António Saraiva, e o Presidente da Delegação da Cruz Vermelha do Porto, Dr. Luís Sena de Vasconcelos, por estarem juntos nesta empreitada.

Do Governo, e em particular do Ministério da Defesa Nacional, aquilo que lhes posso garantir, enquanto eu estiver no cargo, é que pela minha parte a Cruz Vermelha pode contar com o apoio perante os desafios que nos forem lançados.

De resto, o meu sincero desejo é que seja dada continuidade ao bom trabalho e que a Cruz Vermelha continue a ser um farol de esperança e de assistência para todos os que dela necessitam.

Se juntos, assim o fizermos, estou certo que estaremos a contribuir para uma sociedade melhor.

Um sentido bem-haja à Cruz Vermelha Portuguesa e à sua Delegação do Porto.

Muito obrigado.